

Fernando Molica

A porta-bandeiras de Mangueira

Porta-bandeira da Estação Primeira de Mangueira, Cintya Santos mostra, com sua dança e com sua postura, que o componente político dos desfiles das escolas vai muito além dos enredos e das letras dos sambas.

Ela está para a escola como a mulher que segura a bandeira francesa e serve de guia para os revolucionários no quadro “A Liberdade guiando o povo”, de Eugène Delacroix.

Cintya faz jus ao apelido de Furacão, que acabou estendido para a dupla que forma com Matheus Olivério, o mestre-sala. Filha e neta de porta-bandeiras, negra, criada na favela Vila Ipiranga, em Niterói, trabalhava como faxineira até trocar a Porto da Pedra por Mangueira.

Estava limpando uma casa quando, em 2022, recebeu uma ligação da presidente da Verde e Rosa, Guanayra Firmino — desligou, achou que era trote (só acreditou no convite quando, em seguida, recebeu uma chamada de vídeo). No dia seguinte, aceitou o desafio de ser protagonista da mais amada das escolas.

Indicada por Matheus, seu bailado assustou quem se acostumara com a imagem mais comum das porta-bandeiras, mulheres que emanam uma tradição de realeza; não à toa, seus passos e vestimentas são inspirados nos grandes salões de baile europeus.

Até hoje referência no Carnaval, a portelense Vilma Nascimento incorporava a elegância e a delicadeza que fizeram com que passasse a ser chamada de Cisne da Passarela.

A cada vez maior influência de coreógrafos e julgadores oriundos do balé clássico radicalizou a tendência de se levar para o Sambódromo um tipo de dança que remete a pinturas de Edgar Degas, teatros imponentes e sapatilhas.

Com Cintya, a história é outra, a chapa é bem mais quente. Ao repertório típico de suas colegas, ela acrescenta gestos harmoniosos, porém duros, enfáticos, quase ríspidos.

Além de exibir a bandeira, ela a empurra, a esfrega em nossa cara. Cada vez que gira, cria encanto e beleza, mas também ressalta a miséria e a injustiça de um país que teima em ser tão desigual. É princesa que não deixa ninguém esquecer seu passado de gata borralheira.

Furacão, esgarça a bandeira, a estica no seu limite, faz ventar na Avenida. Dono de um belíssimo repertório de passos e mesuras, Matheus sabe da força que tem ao seu lado; mais do que protegê-la — função básica do mestre-sala —, ele trata de garantir condições para a evolução da parceira. É como se anunciasse: cuidado que a Cintya vem aí, é bom se segurar.

No caso dela, a função que exerce merece ser tratada com o uso de um plural compatível com a história e compromissos do Morro de Mangueira. Ela é uma porta-bandeiras — além de carregar o pavilhão da mais bela das escolas, empunha uma série de outros.

Seus braços fortes exibem muitas bandeiras: a da cultura popular brasileira, a da ancestralidade, a dos meninos e meninas de favelas, a da educação, a da luta contra a miséria, o racismo e a violência que mata, principalmente, pretos e pobres.

Em suas mãos, a bandeira mangueirense é também faixa que grita protestos, que exige uma vida melhor para os brasileiros; Cintya chama o povo daqui, junta o povo de lá.

Para, mais uma vez, aqui citar Manuel Bandeira, ela parece farta do lirismo comedido, do lirismo bem-comportado. Não quer saber do lirismo que não seja libertação.

Tales Faria

Baleia Rossi: centrão “está usando fofoca” contra o MDB

O presidente nacional do MDB, deputado Baleia Rossi (SP), afirma que o centrão está “usando a fofoca” segundo a qual o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) estaria em busca de um emedebista para figurar como vice de sua chapa pela reeleição.

Segundo ele, “essa fofoca não caiu bem no partido e está inclusive atrapalhando a montagem das chapas nos estados”. Motivo: é que a maior parte dos candidatos do MDB nos estados não quer aliança com os petistas.

“Na maioria dos estados, o MDB figura em palanques contra o PT. Aí os partidos de centro usam essa fofoca para tentar prejudicar a formação das nossas chapas. Muitos dos nossos candidatos a deputados federais não querem estar numa aliança com o PT nos estados”, disse Baleia.

A coluna perguntou se, pelo menos, há conversas com o PT ou Lula sobre uma aliança. “Não há. Com a direção nacional, zero”, respondeu.

Baleia sublinha que em seu estado, São Paulo, o maior eleitorado do país, o MDB “está fechado” com a candidatura de Tarcísio de Freitas (Republicanos) para governador.

“Aqui em SP o MDB nunca fez aliança com o PT em eleições estaduais. Nós temos coerência e somos parceiros do governador Tarcísio. Vamos manter nossa integridade e não muda-

mos de lado por cargo ou qualquer outro motivo menor.”

O prefeito da capital, Ricardo Nunes (MDB), ensaiou candidatar-se a governador caso Tarcísio concorresse à Presidência. Mas o governador seguiu determinação do ex-presidente Jair Bolsonaro (PT) de deixar a candidatura ao Planalto para o filho Zero-Um, senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ).

Restou para Tarcísio disputar a reeleição e o prefeito Ricardo Nunes ficou sem espaço para tentar trocar seu gabinete no Edifício Matarazzo pelo Palácio dos Bandeirantes.

“O Nunes no Bandeirantes será o nosso projeto para 2030”, afirma Baleia Rossi. Segundo ele, não vale a pena nem disputar o Senado.

“A administração do Ricardo Nunes na Prefeitura está muito boa. É o nosso maior cabo eleitoral. Não valeria a pena ele renunciar como prefeito para concorrer ao Senado. Melhor esperar 2030.”

Essa “firme aliança” do MDB de São Paulo com Tarcísio de Freitas tem um efeito colateral sobre a ministra do Planejamento, Simone Tebet. Como emedebista, ela teria muita dificuldade em transferir seu domicílio eleitoral para concorrer ao Senado por São Paulo em aliança com o PT, como se chegou a especular.

A transferência está praticamente descartada no partido.

EDITORIAL

Os riscos escondidos em meio à folia

O Carnaval ocupa um lugar simbólico de alegria, liberdade e celebração coletiva, mas essa atmosfera de euforia costuma esconder riscos que passam despercebidos em meio à festa. Entre eles, os acidentes envolvendo a rede elétrica figuram como uma ameaça silenciosa, capaz de transformar momentos de descontração em episódios trágicos. Os números recentes divulgados pela Associação Brasileira de Distribuidores de Energia Elétrica revelam que, mesmo com uma leve redução de mortes no primeiro trimestre de 2025 em comparação ao ano anterior, a realidade ainda é alarmante. Vidas continuam sendo perdidas por descuidos previsíveis e, sobretudo, evitáveis.

O período carnavalesco reúne fatores que ampliam esses perigos. A aglomeração de pessoas, o uso de serpentinas metálicas, a instalação improvisada de barracas, arquibancadas e estruturas de apoio, além do crescimento dos trios elétricos e carros alegóricos, criam um cenário propício para choques elétricos, curtos-circuitos e incêndios.

A cultura da gambiarra, tão comum em eventos informais, transforma a rede elétrica em uma armadilha à altura dos olhos e das mãos de quem apenas deseja brincar. Cada fio desencapado ou ligação clandestina representa

um risco coletivo, não individual.

Diante desse contexto, a defesa do presidente da Abradee por uma meta de acidente zero não soa como exagero, mas como obrigação ética. A energia elétrica é indispensável à vida moderna, porém exige convivência responsável e orientação técnica permanente.

As distribuidoras dispõem de equipes capacitadas para garantir conexões seguras, adequação da altura da rede e planejamento prévio junto a órgãos como o Corpo de Bombeiros. Ignorar esses canais institucionais é optar por um caminho de negligência que cobra um preço alto demais.

Por isso, investir em campanhas de alerta e conscientização não deve ser tratado como ação pontual ou protocolar, mas como política pública contínua. A Campanha Nacional de Segurança com a Rede Elétrica, prevista para junho, reforça a importância de levar informação clara e acessível à população, especialmente em períodos de festas populares e chuvas intensas.

Celebrar o Carnaval com responsabilidade é entender que a alegria só se sustenta quando a prevenção caminha junto. Não se trata de frear a folia, mas de garantir que ela termine como deve ser, sem luto, sem tragédias e com todos de volta para casa.

Opinião do leitor

Parecidos

O BBB 26 exibiu uma prova onde os participantes teriam que responder as perguntas, optando por decidir entre falso ou verdadeiro. Semelhança com políticos e magistrados é forte coincidência. Jogam de acordo com suas conveniências.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200

Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.